



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

GÊNERO, BINARISMOS E REPRESENTAÇÕES DA HOMOSSEXUALIDADE NO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA (1978-1981)

DANIEL HENRIQUE DE OLIVEIRA SILVA – UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA

Na década de 1970, especificamente nos anos finais, 1978, o Brasil passava por um período de abertura política e de constantes lutas contra as opressões e em busca de liberdades: liberdade de imprensa, lutas pró-democracia, lutas políticas contra o regime militar, particularmente. O presidente do Brasil nesse momento era Ernesto Geisel, que entrou no poder em 1974 e permaneceu até 1979.

A ascensão do general Geisel na presidência da República, em 1974, e o anúncio de seu projeto de distensão “gradual e segura” marcaram o início de um novo período do governo militar-autoritário, uma fase que passaria a ser o ponto de partida do processo de democratização no Brasil.¹

Juntamente a esse processo de redemocratização, fruto de lutas sociais, estava “a revogação parcial da censura à imprensa”², que possibilitou o surgimento de um jornal que discutiu a sexualidade, os direitos das mulheres e o racismo de forma incisiva. Em face das lutas da população em vários setores dela e em diferentes regiões do país é que podemos entender a opção das autoridades governamentais por uma gradual e lenta abertura do governo Geisel, pressionadas que estavam em meio às articulações de grupos populacionais, como os idealizadores do jornal *Lampião de Esquina*, que investem na mobilização social em torno de certas agendas políticas.

A imprensa gay no Brasil surge da necessidade que uma parcela da sociedade

¹ KINZO, Maria D”Alva G. A Democratização Brasileira um balanço do processo político desde a transição. EDUSP. São Paulo, p. 5. Disponível em:
<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CDkQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.scielo.br%2Fpdf%2Fspp%2Fv15n4%2F10367.pdf&ei=sTebUs3aOly7kQf-hoC4CA&usg=AFQjCNFEJO5zEJanEe9ayNx21R0oAKcOlg&sig2=9scC2hsiQOAGkvU-vk9Xvw>.
Acesso em 01/12/2013.

² *Ibidem*, p.5.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

teve em lutar contra um sistema que os tornava invisíveis, daí a necessidade também de unir-se com seus iguais.

Pensando a sexualidade a partir de Foucault, podemos analisar questões do jornal *Lampião da Esquina*, e observar que, ao controlar a sexualidade, houve uma incitação à sociedade no sentido de falar e de querer saber sobre sexo. Consequentemente, o conjunto dos discursos do período, inclusive a publicação, objeto dessa análise, contribuem para a configuração de um discurso dominante, com parâmetros do normal e do aceito, designando aos homossexuais o estigma de anormais, e seres inferiores ou abjetos. Nesse sentido, o *Lampião* é um importante meio para discutir esse controle discursivo da sexualidade, bem como alguns de seus efeitos, por exemplo, a estigmatização social de um segmento populacional, também para romper com essa grade cartesiana reguladora da sexualidade e da subjetividade.

Uma análise Foucaultiana permite, portanto, analisar o periódico e problematizar questões apontadas por ele, referentes ao enclausuramento – guetos-, ou o lugar produzido ou destinado à sexualidade na nossa sociedade. Assim, nessa direção, é plausível pensar na historicidade de enunciados reiterativos e no projeto de desconstrução de estereótipos e estigmas proposto pelo jornal : “é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele”³.

Ao pensar o *Lampião da Esquina*, devemos considerar que ele:

Representa bem o inconformismo diante da repressão e do conservadorismo que se abatia sobre uma parcela da sociedade brasileira; e utilizando-se dos periódicos, essa parcela tentava mostrar caminhos alternativos para o difícil período em que vivíamos.⁴

Ao analisar as fontes, embasado por teóricos de gênero, auxiliado por autores que discutem as fontes midiáticas e por autores que desenvolveram trabalhos sobre o *Lampião*, foi possível perceber uma certa posição do jornal frente à busca incessante da identidade masculina pela comunidade homossexual.

³ Jornal *Lampião da Esquina*, Edição número Zero, abril de 1978, Seção Opinião. P, 2.

⁴ RODRIGUES, Jorge Luiz Pinto. A imprensa gay do Rio de Janeiro: linguagem verbal e linguagem visual. In: GROSSI, Miriam Pillar ET. AlI. (orgs). Movimentos sociais, educação e sexualidades. Rio de Janeiro. Garamond, 2005, p. 71. apud. SOUSA NETO, Miguel Rodrigues de. *Homoerotismo no Brasil contemporâneo: representações, ambigüidades e paradoxos*. 2011. 260 f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011, p. 135, 138.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Na reportagem da seção “Ensaio”, de janeiro de 1979, o jornal relata sobre a nova cultura que está ganhando força em meio aos homossexuais de culto à masculinidade. Isso nos faz refletir sobre os motivos que levam esse discurso da masculinidade compulsória a tornar-se dominante também no interior da comunidade gay.

É esta a mensagem central do mundo das boates machistas: a masculinidade é a única verdadeira virtude; os demais valores são desprezíveis. (...) Ela redonda exclusivamente a glamurização da força física. A idéia da masculinidade é tão conservadora que quase chega a ser primitiva. Que os homossexuais se sintam atraídos por ela, achando-a gratificante, não chega a ser uma surpresa⁵.

Nesse trecho podemos perceber como esse discurso machista, de valorização da masculinidade, calcado na construção sexista “masculino/feminino”, coloca em exposição o primeiro elemento designando-o superioridade, disseminando a noção simplista *de* “homem dominante versus mulher dominada”⁶. Talvez estando aí a justificativa para essa busca pela masculinidade, o masculino é socialmente mais aceito.

O Lampião, neste trecho, coloca uma importante questão em relação a esse tema: “Gerações inteiras de mulheres se definiram segundo os termos masculinos e os homossexuais frequentemente parecem aceitar os mesmos valores”⁷. Nessa citação o jornal expõe algo extremamente problemático no meio homossexual: ao mesmo tempo que pretende romper com o padrão androcêntrico ao afirmar uma postura “gay”, em contraposição o reproduz, buscando difundir a masculinidade compulsoriamente e alimentando valores do discurso dominante.

O jornal apresenta como questão para essa busca da masculinidade, o fato do gay ser visto como um perdedor por ser o opressor detentor do falo que abdicou e traiu esse poder opressor fálico. Ele é um perdedor a partir do momento que ele abdica dos ideais machistas, de superioridade masculina, tornando-se mais próximo da mulher ao assumir-se homossexual, provando conseqüentemente sua inferiorização. Seffner⁸,

⁵ Jornal Lampião, Ano 1 – Nº 8 – Janeiro de 1979, p.8.

⁶ LOURO, op.cit.,p.33.

⁷ Jornal Lampião, Ano 1 – Nº 8 – Janeiro de 1979, p.8.

⁸ SEFFNER, Fernando. Derivas da masculinidade: representações, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. 2003. 261 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

afirma que a inteligência é “colocada quase em oposição à 'ser viadinho ', o que reforça a idéia de que a homossexualidade masculina é equiparada não apenas a modos afeminados, mas também à futilidade e à 'frescura”⁹. Estando aí a explicação da busca pela masculinidade, uma tentativa de adquirir novamente o repeito e a inserção social por meio da manutenção do status quo. Nesse sentido, a busca pela masculinidade pode ser pensada como múltipla, “mais do que isso se encontram em regime de movimento, de fluidez, de deriva”.¹⁰ Essa busca pela masculinidade deve ser vista não apenas como uma contradição do ser homossexual, aquele que é oprimido pelo sistema heteronormativo e segue alimentando-o por esse estilo de vida, mas também pela derivação da “masculinidade hegemônica”, ao não estar inserido nesse padrão de masculino, busca-se representá-lo no meio social em que se está inserido, como forma de aproximação. O padrão nesse caso, pode ser uno mas as representações dele, são múltiplas e se constituem diversamente. (Seffner, 2003).

Ao apresentar essas questões, o jornal sugere alternativas para se romper com esses padrões e identidades.

Ser gay sem arrependimento, culpa ou vergonha é o mesmo que demonstrar que existem alternativas viáveis aos estilos de sexualidade. Mas a real alternativa para as crianças não é necessariamente a homossexualidade, mas a rejeição das velhas verdades sobre a masculinidade e feminilidade¹¹.

O Lampião da Esquina assume, no artigo publicado na seção Ensaio, em janeiro de 1979, “fruto de uma condensação de um trabalho de Seymour Kleinberg, publicado originalmente na revista norte-americana Christopher Street e depois, no jornal Gay News”¹², um importante papel ao afirmar que a melhor alternativa é rejeitar os velhos padrões, afinal, é rompendo com o teor unívoco da heteronormatividade que será possível evitar que discursos normativos tornem-se dominante em meio à sociedade em geral, inclusive em relação às identidades homossexuais, e gerem novas hierarquizações, renovando aqueles mesmos poderes. Como bem assinala o artigo de Seymour Kleinberg publicado no Lampião em janeiro de 1979.

⁹ Ibidem,p.232.

¹⁰ Ibidem,p.242.

¹¹ Ibidem,p. 9.

¹² Jornal Lampião, Ano 1 – Nº 8 – Janeiro de 1979, p.8.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

O que é triste sobre os homens das jaquetas de couro é que a passagem para o lado do inimigo não os livrará do opróbio. Quando chegar o dia, eles estarão entre aqueles que a Ku Klux Klan ataca. Paracem estar sendo ignoradas as lições dos negros que renegavam sua negritude ou dos judeus que juravam ser alemães assimilados. Para certos brancos, tudo que não é branco é negro, para os nazistas, um judeu é um judeu. Dar boas vindas ao inimigo não o aplaca; muitas vezes, serve apenas para torná-lo mais vicioso, furioso por ver que sua vítima aprova seu escárnio¹³.

É relevante pensar nas relações de gênero ao analisar esse jornal, pois vive-se em uma sociedade falocêntrica, em que se percebe a força do discurso da heterossexualidade compulsória, em que as relações de gênero são “hierarquizadas, verticalizadas”¹⁴. Trata-se de uma sociedade que constrói discursos impregnados desse jeito de pensar e agir. Reproduz-se, desse forma, uma sociedade em que o masculino heterossexual é fortemente marcado pela supremacia. No entanto, nas relações homossexuais, há uma nova hierarquização, certo jogo dentro de outro em que se identifica o feminino, ocorrendo sua inferiorização e exclusão.

Podemos observar em nossa sociedade diferenças explícitas quanto às localizações identitárias, particularmente ao papel de gênero. Aos homens são associadas às ideias de liderança, força, coragem e independência; às mulheres, os traços de dependência, cooperação, afetividade e lealdade.

[...] os meninos, muito mais do que as meninas, são incentivados a desenvolver atividades que estimulam o corpo e a apresentar comportamentos arrojados, audaciosos; recebem por brinquedos: caminhãozinho, simulacros de armas, bola, bicicleta, e equipamentos vãos que ativam os movimentos corporais. Mas, se são estimulados fisicamente, em contrapartida suas emoções são cerceadas pelo fatídico “homem não chora”. Às meninas estão reservadas atividades lúdicas que reproduzem o universo doméstico, preparando-as para a gestão do lar. Recebem como presentes: boneca, panelinha, fogãozinho, vassourinha e, dependendo do poder aquisitivo das famílias, toda uma parafernália eletro-eletrônica de utensílios domésticos em miniatura para brincarem de “casinha”, para aprenderem a ser boas mães, esposas exemplares, e eficientes donas-de-casa. Nelas, são incentivadas posturas docéis, de aquiescência e submissão, traduzidas como predicados de feminilidade¹⁵.

¹³ Ibidem, p.8.

¹⁴ VANNUCHI, Maria Lúcia. A construção das identidades de gênero. In: Caderno Espaço Feminino, Volume 26, nº 1, EDUFU, 2013, p. 62.

¹⁵ VANNUCHI, op.cit., p.64.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

A partir dessa constatação, verifica-se que em nossa cultura o feminino é construído em contraposição masculino. e que há uma estrutura heteronormativa norteadora de valores éticos, responsável pela produção de discursos e sentidos sobre comportamentos dos indivíduos e grupos. Buscar a masculinidade a qualquer custo, como podemos observar em muitos textos dos movimentos sociais, inclusive neste periódico, “não era esta uma maneira particularmente eficiente de acabar com a opressão, mas pelo menos um velado desafio contra uma sociedade que os humilhava”¹⁶. Essa humilhação que supera o campo simbólico, chegando ao nível dos xingamentos é discutido por Zanello e Gomes, que afirmam:

Os xingamentos sexuais apontam para um sentido de passividade, relacionado nas representações de gênero, ao “ser mulher”. O xingamento sexual considerado mais ofensivo neste caso (“veado”) é, portanto, aquele que aposta para uma proximidade, ou qualquer experiência que possa aproximá-lo, de ser uma simples “mulherzinha”. (...) É nesse sentido, que a virilidade deve ser eternamente provada. Ficando o feminino relacionado à falta, falha, falência e vulnerabilidade¹⁷.

O Lampião, na maioria de seus textos, critica fortemente a postura masculinista, mas ao mesmo tempo apresenta questões que revelam o porquê desse posicionamento, por ser um meio talvez inconsciente de enfrentar a sociedade heterossexual que os julgava. Proporcionado por esse debate, cabe-nos apontar que essa posição reflete o imaginário de determinado grupo homossexual, que desejava inserir-se na sociedade heteronormativa, buscando o *status quo* e sua manutenção, ao invés de subvertê-lo. Inserir-se nessa sociedade, adquirir o *status quo*, significava para esses homossexuais, serem aceitos, e esse processo só poderia se efetivar por meio da obrigatoriedade de tornar-se cada vez mais masculino, isso porque está impresso na sociedade que

A construção da masculinidade vai muito além do fato de se ter nascido homem ou não; o que conta é a excelência de desempenho. Essa excelência de desempenho esperada de todo “homem de verdade” possui ainda uma

¹⁶ Jornal Lampião, Ano 1 – Nº 8 – Janeiro de 1979, p.8.

¹⁷Zanello, Valeska e Gomes, Tatiana. Xingamentos masculinos: a falência da virilidade e da produtividade. In: Caderno Espaço Feminino, Volume 26, nº 1, EDUFU, 2013, p.270.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

especificidade: não se trata de atingir um padrão viril assumido como dominante, mas de parecer, transparecer, falar, demonstrar essa situação¹⁸.

Louro adverte que posicionar-se favoravelmente ao ideal homogeneizador da homossexualidade, colocando-a como uma alternativa positiva, sem problematizações, é submeter-se a uma conjuntura doutrinante.

O discurso político e teórico que produz a representação “positiva” da homossexualidade também exerce, é claro, um efeito regulador e disciplinador. Ao afirmar uma dada posição-de-sujeito, supõe, necessariamente, o estabelecimento de seus contornos, seus limites, suas possibilidades e restrições. Nesse discurso, é a escolha do objeto amoroso que define a identidade sexual e, sendo assim, a identidade gay ou lésbica assenta-se na preferência em manter relações sexuais com alguém do mesmo sexo. (...) Com esses contornos, a política de identidade praticada durante os anos 70 assumia um caráter unificador e assimilacionista, buscando a aceitação e a integração dos/das homossexuais no sistema social. A maior visibilidade de *gays* e lésbicas sugeria que o movimento já não perturbava o *status quo* como antes. No entanto, tensões e críticas internas já se faziam sentir¹⁹.

A manutenção do status quo deve ser constantemente combatida por estar impregnada pela heteronormatividade, por não problematizar questões referentes a relacionamento, como a monogamia e, acrescenta Louro, ao colocar em segundo plano as reivindicações dos “bissexuais, sadomasoquistas e trans-sexuais, essa política de identidade era excludente e mantinha sua condição marginalizadora”²⁰.

O enfrentamento dessa sociedade que os inferioriza é algo importante na busca pela equiparação de direitos, e, nesse sentido, o *Lampião* apresenta os grupos organizados como uma alternativa, e como um importante meio de união para a desconstrução de estigmas e luta por igualdade.

Entrar ou não para um grupo de homossexuais? Esta é uma pergunta muito comum que paira sobre a cabeça de muitas bichas e lésbicas que vivem

¹⁸ AZIZE, Rogério; ARAÚJO, Emanuelle Silva. A pílula azul: uma análise de representações sobre masculinidade em face do Viagra, *Antropolítica*, v.14, 2003, p,141. Apud. Zanello, Valeska e Gomes, Tatiana. Xingamentos masculinos: a falência da virilidade e da produtividade. In: *Caderno Espaço Feminino*, Volume 26, nº 1, EDUFU, 2013, p.271.

¹⁹Louro, Guacira Lopes. Teoria *queer* – uma teoria política pós-identitária para a educação. In: *Revista Estudos Feministas*, n.2 , v. 9, Florianópolis, 2001, p.541-553 p. 544. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9635/8865>. Acesso em: 01/10/2013.

²⁰Ibidem, p. 544.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

reprimidas pela sociedade, ou que lutam para liberar-se completamente do preconceito. Num primeiro momento, acho que devemos entender quais são os motivos que levam as pessoas a procurar tais grupos e a que objetivos pretendem atingir. Muitos escrevem para os grupos porque estão sozinhos e querem alargar seu círculo de amizades. Outros vão às reuniões mais por curiosidade, para saber o que realmente se passa por trás de tudo. Alguns nem voltam mais depois da primeira reunião, talvez com medo de um compromisso maior, ou porque os objetivos não são os mesmos que os seus. Apenas uma pequena parte dos que procuram os grupos vêem neles uma possibilidade de atuação política e de luta contra a repressão, de uma forma mais explícita²¹.

As organizações de homossexuais afirmavam que tinham como objetivo principal colocar os homossexuais em evidência, lutar para que estigmas fossem desconstruídos, e que direitos fossem garantidos. “Os grupos organizados procuram agrupar homossexuais de forma a conscientizá-los, não de forma paternalisticamente, da opressão sob a qual vivemos e da necessidade de uma luta contra todas as formas de opressão”²². O trecho tirado do *Lampião*, de janeiro de 1981, da seção *Ativismo*, assinada por Aristides Nunes, em que afirma que os grupos tinham como objetivo a conscientização da comunidade homossexual, revela o caráter do jornal, considerado agente detentor de uma posição autêntica, capaz de transformar a comunidade homossexual, e conscientizá-la. Uma alternativa para a conscientização, algo que soa hierárquico, apesar de afirmarem que não ocorrerá de forma paternalística, seria a proposição de discussões em que se criariam debates e não somente uma luta, mas várias, contra as diversas formas de opressão. Em relação a esse modelo de organizações homossexuais, em trechos do *Lampião* percebe-se que o movimento não é uníssono, ao contrário, passa por constantes segregações e disputas internas.

Enquanto prosseguem as brigas dentro do movimento, o Sr. Richetti entra nos bares, agride as lésbicas, prende as travestis. Pode parecer limitação política minha, mas será que ao conjunto de homossexuais interessa este tipo de divergências? Será que o conjunto dos homossexuais não está mais preocupado em ocupar os espaços que a sociedade lhes permite do que nos rachas de grupos organizados?²³

²¹ *Jornal Lampião*, Ano 3 – Nº 32 – Janeiro de 1981, p.12.

²² *Ibidem*, p. 12.

²³ *Ibidem*, p. 12.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Pode até ser que a maioria dos homossexuais esteja preocupada em ocupar lugares na sociedade, e ser aceita, mas nem todos buscam legitimar as normas e viver em meio a uma sociedade regida pela heteronormatividade. As divergências são importantes meios de se problematizar essas questões de mostrar que a comunidade homossexual é múltipla.

Bibliografia:

AZIZE, Rogério; ARAÚJO, Emanuelle Silva. A pílula azul: uma análise de representações sobre masculinidade em face do Viagra, *Antropolítica*, v.14, 2003, p,141. Apud. Zanello, Valeska e Gomes, Tatiana. Xingamentos masculinos: a falência da virilidade e da produtividade. In: *Caderno Espaço Feminino*, Volume 26, nº 1, EDUFU, 2013.

Jornal Lâmpião de Esquina, Edição número Zero, abril de 1978, Seção Opinião.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

KINZO, Maria D'Alva G. A Democratização Brasileira um balanço do processo político desde a transição. EDUSP. São Paulo, p. 5. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CDkQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.scielo.br%2Fpdf%2Fspp%2Fv15n4%2F10367.pdf&ei=sTebUs3aOIy7kQfhoC4CA&usg=AFQjCNFEJO5zEJanEe9ayNx21R0oAKcOlg&sig2=9scC2hsiQOAGkvU-vk9Xvw>. Acesso em 01/12/2013.

Louro, Guacira Lopes. Teoria *queer* – uma teoria política pós-identitária para a educação. In: *Revista Estudos Feministas*, n.2 , v. 9, Florianópolis, 2001, p.541-553 p. 544. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9635/8865>. Acesso em: 01/10/2013.

RODRIGUES, Jorge Luiz Pinto. A imprensa gay do Rio de Janeiro: linguagem verbal e linguagem visual. In: GROSSI, Miriam Pillar ET. All. (orgs). Movimentos sociais, educação e sexualidades. Rio de Janeiro. Garamond, 2005, p. 71. apud. SOUSA NETO, Miguel Rodrigues de. *Homoerotismo no Brasil contemporâneo: representações, ambigüidades e paradoxos*. 2011. 260 f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011, p. 135, 138.

VANNUCHI, Maria Lúcia. A construção das identidades de gênero. In: Caderno Espaço Feminino, Volume 26, nº 1, EDUFU, 2013

Zanello, Valeska e Gomes, Tatiana. Xingamentos masculinos: a falência da virilidade e da produtividade. In: Caderno Espaço Feminino, Volume 26, nº 1, EDUFU, 2013, p.270.